



ÉCLOGAS

POR
EVGENIO DE CASTRO



M-C MXXXIX

L VMEN

Sala	5
Gab.	37
Est.	
Tab.	2
N.º	







ÉCLOGAS

OBRAS POÉTICAS
DE
EUGÉNIO DE CASTRO

Da Academia das Ciências de Lisboa, da Real Academia Espanhola,
da Academia Brasileira de Letras, etc.

EDIÇÃO COMPLETA E DEFINITIVA

- Primeiro volume* : Oaristos — Horas — Silva *.
- Segundo volume* : Interlúdio — Belkiss — Tiresias *.
- Tercceiro volume* : Sagramor *.
- Quarto volume* : Salomé e outros poemas — A Nereide de Harlem —
O Rei Galaor — Saudades do Céu *.
- Quinto volume* : Constança — Depois da Ceifa — A Sombra do Qua-
drante.
- Sexto volume* : O Anel de Polícrates — A Fonte do Sátiro.
- Sétimo volume* : Poesias de Goethe — O filho Pródigo.
- Oitavo volume* : Camafeus romanos — A tentação de São Macário —
Canções desta negra vida.
- Nono volume* : Cravos de papel — A mantilha de medronhos — A cai-
xinha das cem conchas.
- Décimo volume* : Descendo a encosta — Chamas duma candeia velha
— Êclogas.

* Já publicado.



ÉCLOGAS

POR
EVGENIO DE CASTRO



M·C M·XX·IX

L VMEN

*Desta edição fez-se uma tiragem especial
de 25 exemplares em papel Mezena,
numerados e rubricados
pelo autor.*



A

D. FERNANDO GALLEGO DE CHAVES

MARQUÊS DE QUINTANAR

CONDE DE SANTIBAÑEZ DEL RIO

MEU AMIGO E CAMARADA.





ÉCLOGA I

INTERLOCUTORES: DÉLIO E ALEIXO

ALEIXO

POR estas altas serras, não existe
Quem, soprando na avena, te suplante,
Mas o que tocas, Délio, é sempre triste.

Se pegas a tanger, no mesmo instante,
Por mais ledó que esteja, fica logo
Com merencório ar cada semblante.

De ouvir-te, dos meninos cessa o jogo,
Das moças, o cantar, luzindo a miúdo,
Em muitos olhos, lágrimas de fogo.



Até o rio, as árvores e tudo
Aquilo que te está cercando, passa
De alegre a compungido ou carrancudo...

Éco vivo de insólita desgraça,
Essa flauta, ora humilde ora violenta,
Se encanta o ouvido, as almas despedaça,

Qual do médico a mão, quando fomenta
Dorido membro, cuja dor parece
Que ao mesmo tempo diminui e aumenta.

Choras sem tréguas. Que penar é êsse,
Que ultrapassa, rebelde, as leis da vida,
Onde, mágoa e prazer, tudo fenece?

Nunca se fechará essa ferida?
Nunca, voltando a ti, porás um fecho
Às lamúrias da flauta dolorida?

DÉLIO

Como posso eu voltar a mim, Aleixo,
A ser alegre, como o fui um dia,
Não tendo cura o mal de que me queixo?

Irmãs num ponto são, mágoa e alegria,
Sendo efémeras ambas, qual dos remos
O sulco aberto na água fugidia.

É isso o que, em geral, no mundo vemos,
Mas há, por excepção, teimosas dores,
Que apenas morrem quando nós morremos.

A minha é dessas tais, cujos horrores,
Não achando expressão na humana fala,
Só podem tê-la em gritos e clamores.

Mas... silêncio! Esta dor, que nada iguala,
É do meu coração duplo castigo,
Porque, além de a sofrer, devo calá-la.

ALEXO

Também de mim a escondes? Nem comigo
Agora te abrirás, havendo em conta
A minha descrição de honrado amigo?

Chega a ser para mim gravosa afronta
Essa reserva, imprópria da amisade,
Que aos nossos tempos infantis remonta.

Contamos, eu e tu, a mesma idade,
E, como nossos pais eram visinhos,
Sendo também da mesma qualidade,

Brincámos como irmãos, furtando ninhos,
Caçando grilos e apanhando amoras
Nas silveiras dos rústicos caminhos.

Como isso já vai longe! Nessas horas,
Às árvores subindo sem receio,
Rias tanto como hoje em dia choras.

Mas a infância passou, e tempo veio
Em que, na remissão de alheios êrros,
Tivemos de suar, para grangeio

Do pão de cada dia. Então, nos sêrros,
Continuámos sendo companheiros,
Eu, das cabras atrás, tu, dos bezerros.

Aos clarões dúbios da manhã primeiros,
Abalávamos juntos, conversando
Pelas tortas veredas dos outeiros,

E, chegados lá cima, aos matos, quando
Já luziam ao sol baixos marnéis,
Emquanto o armento nosso ia pastando,

Guardado á vista por dois cães fiéis,
Atacávamos, rindo, o parco almoço,
Convertendo num só os dois farnéis.

Lembras-te, Délio? Que appetite, o nosso!
Só comparável ao dos cães atentos,
Se, acabado o festim, restava um osso.

Logo depois, em mil divertimentos
O tempo voador se repartia,
Não tendo, como agora, os pés tão lentos.

Tocávamos nas flautas à porfia,
Com destreza, jogávamos a malha,
Colhíamos medronhos, se os havia,

Metendo-os em cestinhos de áurea palha,
E gravávamos nomes femininos
Na cortiça dos sôbros, co'a navalha.

Os nossos risos francos e argentinos
Enchiam de alegria a selva densa,
Tanto a nossa alma ainda era de meninos.

Lidávamos, felizes, sem detença,
E, tão contínuo sendo o nosso trato,
Nunca tivemos rixa ou desavença.

Mas tudo acaba! Um dia, Délio ingrato,
Sem um adeus sequer, foste-te embora,
Atrás não sei de quê, pobre insensato!

Longo tempo correu... Voltas agora,
Mas tão mudado e triste, que mal vejo
No que és aquêle que tu foste outrora.

Não és o mesmo, não! pois mostras pejo
De aos meus olhos expor a chaga viva,
Que n'alma tens e que eu curar desejo.

DÉLIO

Se a minha bôca, parecendo esquiva,
Tem a fechá-la inquebrantável sêlo,
Não lhe chames ingrata nem altiva!

Calo o meu dissabor, porque, ao dizê-lo,
De vergonha encheria a desgraçada,
Que desfez dos meus sonhos o mais belo.

Mas... caio em mim! Esta mudez jurada,
Se para os outros conserva-la devo,
Não deve para ti ser conservada.

Julgo, ao falar-te, que na areia escrevo;
És quási meu irmão, e almas irmãs,
De vidro, espelhos são! Porfim, me atrevo

A referir-te, sem ambages vãs,
O caso, cuja história vem ferir-me
E envinagrar-me todas as manhãs.

Ouve, pois! Vou falar-te com voz firme;
Mas, antes, deixa ver se passa gente,
Não venha aí alguém, que possa ouvir-me...

Viviamos, Aleixo, alegremente,
Neste recanto plácido e fecundo,
Quando, por negra sorte, de repente,

Forte gana senti de correr mundo...
Incapaz de tramar qualquer enrêdo,
Clara, qual rio a que se visse o fundo,

Minh'alma, até então, nem um segredo
Tivera para ti; mas, dessa feita,
Nada te disse, Aleixo... Cobrei medo!

ALEXO

Pois mal fizeste, amigo! Se a suspeita
Tivesse tido da vesânia tua,
Pondo na consciência a mão direita,

Dizendo-te a verdade núa e crua,
Do abismo para onde ias te arredara,
Não te deixando ir! Mas continua...

DÉLIO

Numa linda manhã, alegre e clara,
Como astuto ladrão, saí sosinho
Da aldeia, onde contigo me criara,

Indo como o inocente passarinho,
Que foge da gaiola e vai direito
Ao caçador postado no caminho.

Dizia-me uma voz, dentro do peito,
Que não fôsse, mas, surdo e também cego,
Prosegui, tresloucado e satisfeito.

Deixando as verdes ribas do Mondego,
Quatro dias marchei, apressurado,
Até que o Tejo vi, logrando emprêgo

Em casa de um pastor de muito gado;
O sítio, por ser novo, achei-o ameno,
Leve, por novo ser, meu novo estado.

Já corrido era um mês breve e sereno,
Quando, em tão belo como infausto dia,
Andando eu na lezíria a cortar feno,

Porque a cama do gado o requeria,
Vi, por meu grande mal, graciosa moça,
Que em límpida nascente a infusa enchia.

Não sei, Aleixo amigo, como possa
Pintar, falando, a sua formosura,
Que ainda, se a relembro, me alvoroça;

Mas, sendo tão difícil tal pintura,
Mais difícil seria dar ideia
Da graça dessa amável criatura.

Tendo uns mágicos olhos, de sereia,
Finas e doces mãos de enfeitiçar,
Pés que andavam sem rastro pela areia,

Mais lindos do que os olhos, tinha o olhar,
Tinha mais lindo do que as mãos o gesto,
Tinha mais lindo do que os pés o andar!

Tanto encanto patente e manifesto,
Doutros mais, escondidos, me falava,
E eu, p'lo que via, imaginava o resto...

Mas já ela da fonte se afastava,
E então a fui seguindo, já sentindo,
Em vez de uma alma livre, uma alma escrava.

Chegada que ela foi a um combro lindo,
Em pobre casa entrou, mas, por mim dando,
Antes de lá entrar, me olhára, rindo.

Porém, fatal agoiro! então, um bando
De corvos e de groux passou, inquieto,
Iminente borrasca anunciando.

Por certo amigo meu, que era discreto,
Vim depois a saber o nome raro,
Que, do meu amor, tinha o doce objecto.

Chamava-se Nelêa... Mas reparo
Que me alongo demais em ninharias,
A que não podes dar guarida e amparo.

Vamos ao principal. Passados dias,
Quando, numa estasiada adoração,
De Nelêa apertando as mãos esguias,

Lhe confessei por fim minha paixão,
Respondeu-me (e perdia a côr do rôsto!)
Que a outro prometera a sua mão.

Eu, que nela, sem tino, havia posto
Das minhas esperanças a maior,
E vivia radiante, no antegôsto

De colher tão gentil, viçosa flôr,
Ao rude golpe da cruel sentença,
Caí no chão, inânime e sem côr.

Do azar prostrado pela dura ofensa,
Toda a noite durou minha quebreira,
E só quando a nebrina fusca e densa

Começava a azular-se na ribeira,
É que me levantei, fraco e dorido,
Sentindo o coração numa fogueira.

Meio tonto, espantado e combalido,
Do curral me acerquei, por ser a hora
De ir para o campo o gado bem dormido;

Mas morto por me ver de ali p'ra fóra,
No capote agarrando e no cajado,
Com desvairado impulso, fui-me embora.

Porque terras correu meu triste fado,
Não to posso dizer, pois via apenas
Da formosa Nelêa o vulto amado.

Que tempo assim duraram minhas penas,
Também, amigo meu, não sei dizer-to;
Não sei se pisei cardos, se açucenas...

Só sei que, ao fim de tanto desconcerto,
Numa roxa e serena madrugada,
Da porta de Nelêa me achei perto.

Essa porta, por tantos cubiçada,
Não tardou um momento que se abrisse,
E Nelêa, por ver-me, alvoroçada,

Para mim avançando, assim me disse:
— « Bemvindo sejas, Délío! » nos meus pondo
Seus negros olhos, cheios de meiguice.

Meu bom, meu caro Aleixo, não te escondo
O júbilo em que ardi, ao vê-la e vendo
Seu seio juvenil, farto e redondo,

Em ancioso ofegar, correspondendo
Ao, de alegria, copioso pranto,
Que dos olhos gentis lhe ia correndo.

— « *Délio* (disse *Nelêa* então), enquanto
« *De* mim ausente, vagueavas triste,
« *O* meu destino e o teu mudaram tanto,

« *Que*, se em teu coração inda subsiste
« *O* amor que te inspirei, agora o aceito,
« *Porque* o meu afinal não lhe resiste!

« *Almeno*, a quem promessa eu tinha feito
« *Desta* mão inocente, e me impedia
« *De* te franquear o acesso do meu peito,

« *Por* outra me deixou, com vilania;
« *Liberta* dêle enfim, se inda te agrado,
« *Toda* tua serei desde êste dia! »

Supor não poderás, *Aleixo*, o estado
De alegria infantil, quási loucura,
Em que me vi então, vendo alcançado,

A trôco de alguns meses de amargura,
O fruto apetecido, e tão mimoso,
Que merecera paga inda mais dura.

Supor não poderás também o gôzo,
Que com ela senti, entrando, ledos,
No jardim dum noivado delicioso:

Entre nós acabaram-se os segrêdos,
De sol a sol, passeando e conversando,
Das nossas mãos entrelaçando os dedos.

Pausado outrora, o tempo ia voando...
Mas novamente, um dia, vi no ar,
De corvos e de grous, sinistro bando.

Êsse prenúncio mau fez-me scismar...
Vendo-me tão feliz, de raiva cheia,
Certamente a Desgraça ia chegar!

Notei, passado tempo, que Nelêa,
De quando em quando, repentinamente,
Muda e triste ficava, a tudo alheia.

Tornou-se o estranho facto assaz freqüente,
E a tal ponto, que um dia (era à tardinha)
A interpelei, receoso e descontente.

Confusa, respondeu que nada tinha,
Que a fizesse sofrer; que era ditosa,
Cuidando de mim só, sendo só minha...

— « *Porque andas tu, Nelêa, suspirosa?*
Disse eu, beijando-a: — « *Se te enfado, vou-me!*
« Mas não sejas p'ra Délio mentirosa! »

Nelêa estremeceu: depois fitou-me,
Meio dorida e meio desvairada,
Hesitou e, num rasgo, confessou-me

Que a Almeno dera um dia, antecipada,
A flôr que, sendo o orgulho das donzelas,
Só depois do himeneu deve ser dada.

Dizendo tal, de liquidas estrelas
O rosto se lhe encheu, que ela escondia,
Mergulhando-o nas mãos finas e belas,

Emquanto eu, que por ela só vivia,
A deixava no meio de tal dôr,
Sem saber, dementado, para onde ia!

Entre a paixão magoada e o pundonor,
Em mim, um duelo se travou, renhido,
Ora a honra vencendo, ora o amor.

Mas nada mais direi do sucedido,
Nem saber mais precisas, p'ra saber
Quanto passado tenho e padecido.

Morro por vê-la, e morro de a não ver!
Chamo por ela, e fujo-lhe se a avisto!
Morrendo de viver, vivo a morrer!

Se a perco, busco-a! Se ela vem, resisto!
E os seus beijos, Aleixo, eram tão bons!
Como queres, depois de tudo isto,
Que eu tire desta flauta alegres sons!







ÉCLOGA II

INTERLOCUTORES: FRONDÉLIO E SILVANA

A
TRÁS das vacas louras, cujas têtas
Roçam no chão, p'lo amôjo entumecidas,
Silvana, branca flor de tranças pretas,

A quem almas sem conto andam rendidas,
Do monte desce á aldeia, pela hora
Em que o sol faz as suas despedidas.

Hoje, mais do que nunca, se afervora
Em chegar cedo a casa, e, nesse intuito,
Increpa o gado seu, pela demora.

Com leal pensamento, não fortuito,
No seu Frondélio pensa, airoso e belo,
Que a não larga um momento, amando-a muito.

Corresponde-lhe a moça; mas dizê-lo,
Ainda lho não disse, antes procura
Mostrar-se dura e fria, como o gêlo,

Para, com tal disfarce, mais segura
Ficar de que a afeição que ele confessa
É tão viva e tão firme como jura.

Desejosa de vê-lo, vai com pressa,
Já disposta a ser doce brevemente,
Porque a oprimi-la a máscara começa.

Mas eis que vê Frondélio, de repente,
Frondélio, que a esperá-la está, sósinho,
Sob uma grande acácia rescendente.

FRONDÉLIO

Trago-te aqui de mel um pucarinho:
Não mo recuses com severo aspecto,
Que ele é doce, e foi longo o meu caminho.

SILVANA

Farto estás de saber que não aceito
Prendas da tua mão! E porque insistes
Em te meter á fôrça no meu peito!

FRONDÉLIO

E tu, porque é que sempre me resistes!
Não são de terno amor sobeja prova
Estes meus olhos cada vez mais tristes!

SILVANA

O que não achou água numa cova,
Vai outra cova abrir noutro logar!
Não te faltará noiva bela e nova...

FRONDÉLIO

Nisso, tens tu razão! Márcia, Guiomar
E sobretudo Aonia, que é tão linda,
Trago-as todas p'lo beijo, a suspirar...

SILVANA

E porque estás então solteiro ainda?
Porque não vais buscar uma das tres,
A ver se a teima, em que prossegues, finda!

FRONDÉLIO

Não vou, porque te adoro! Tu bem vês
Que vivo sob o imperio do teu mando,
Que só pelo teu mando andam meus pés.

SILVANA

Pois mando-te que vás! Mas dize: quando
É que essa tal Aonia te mostrou,
Mais que Marcia e Guiomar, um rosto brando?

FRONDÉLIO

Incapaz de mentir, Silvana, sou:
Olha, haverá talvez já mês e meio
Que Aonia em casamento me falou.

SILVANA

Ela falou-te em casamento? Creio
Que engeitado terás, como cumpria,
Esse atrevido e louco devaneio...

FRONDÉLIO

Que te amava, lhe disse, mas que, um dia,
Se acaso tu por outro me deixasses,
Então com ela só me casaria.

SILVANA

Tu disseste-lhe tal? E as suas faces
Não coraram de raiva? E, com desdem,
Não te ordenou que dela te arredasses?

FRONDÉLIO

Não. Pela grande estima que me tem,
Disse que ficaria á minha espera,
Que ou casava comigo, ou com ninguém.

SILVANA

Que impostor me saiste! Se eu soubera
Que andavas a falar com outras, juro
Que nem uma palavra mais te dera!

FRONDÉLIO

Pois queixa-te de ti, que ao amor puro,
Que te votei, Silvana, respondeste
Com esse ar de madrastra, frio e duro.

SILVANA

Se ás vezes te falei com ar agreste,
Foi porque falsas cria, com desgosto,
As juras que algum dia me fizeste.

FRONDÉLIO

Adeus! Daqui me vou, que é já sol posto...
Não aceitas o mel! Levá-lo-hei
A quem, decerto, o beberá com gosto.

SILVANA

Não faças tal, Frondélio! Olha, bem sei
Que fui má para ti, mas, se ficares,
Ser afavel e meiga saberei.

FRONDÉLIO

Por milagre de amor, os teus olhares,
Assim como essa voz de raro encanto,
Varreram de improviso os meus pesares!

SILVANA

Da ventura em que estou quasi me espanto!
Mas faze-me um favor: nunca mais fales
Com Aonia... de quem falaste tanto...

FRONDÉLIO

Não padeças, Silvana, doutros males,
Que dêsse isenta estás, pois só conheço
De nome a tal mocinha. Não te rales!

SILVANA

A ver, caro Frondélio, já começo
Que uma pateta fui, uma simploria,
Achando, em teu ardil, rijo tropêço.

FRONDÉLIO

E nêsse ardil fundo eu a minha glória,
Que, se pôsto o não tenho em teu caminho,
Inda os louros não vira da vitória.

SILVANA

Respondendo por fim ao teu carinho,
Tua noiva, Frondélio, emfim me vejo!
Dá-me cá do teu mel o pucarinho,
E, em paga dele, toma lá um beijo!





ÉCLOGA III

INTERLOCUTORES: BIEITO E FRANCO

FRANCO

QUANDO destas seis trutas, ha um momento,
A última pesquei, disse comigo,
Abraçado contigo em pensamento:

— *Comê-las vou com Bieito, meu amigo,
Que é bom conversador e tem na adega
Um vinhinho de truz, dourado e antigo.*

Dito e feito: aqui estou! Porém, sossega:
Não bebo já como bebia outrora,
Hoje em dia, sou chão de pouca rega.

Mas, Bieito, que tens? Reparo agora
Que ao meu convite, com fechado enleio,
Ficas surdo. Que pena te devora?

Ostentas um nariz de palmo e meio,
Passou um vendaval no teu cabelo,
Cruzam-se em teu olhar mágoa e receio.

Fugiu-te algum enxame, algum vitelo?
Tens cobrão ou terçãs? Abre-te, fala!
Seja qual fôr teu mal, quero sabê-lo!

BIETO

Uma dor lancinante me apunhala,
Que é vergonha também (e que vergonha!),
Córando eu de senti-la e de contá-la.

Mas não consente a estima que eu me ponha
A esconder sob um véu de hipocrisias
O segredo fatal que me empeçonha.

Nossa afeição não é de ha poucos dias,
Data de ha muitos anos... Confiado,
Tudo te contarei... Mas não te rias!

Ouve-me, Franco, e pasma! Já curvado
Da carga dos sessenta ao pêso forte,
Ando, ha dias, de amor incendiado!

Incendiado, sim! e de tal sorte
Que parece que estou numa fogueira
Batida p'lo rancor do vento norte!

Passou-se o caso assim. Numa fagueira
E lúcida manhã, indo eu á vinha,
E andando a examinar uma videira,

Pela qual o pintor passado tinha,
Eis que vejo surgir na minha frente,
Rosea e loura, uma esbelta donzelinha,

Que andava á cata, pressurosamente,
Dum galo foragido. Absorto, ao vê-la,
Pôs-se-me o sangue aos pulos, de repente.

Belisa se chamava a tal donzela;
Seus cabelos, que o sol pasmado via,
Eram como as raizes d'aurea estrela.

Pouco mais de quinze anos contaria,
Mas o casal de rôlas do seu seio,
Palpitando, já núbil a fazia.

Vendo-a em apuros, e buscando um meio
De expungir seu desgosto, ou de abrandá-lo:
— *Belisa* (lhe disse eu), *acalma o anseio*

Em que andas á procura do teu galo!
Olha: não penses mais nesse tunante,
Porque outro te darei! Vamos buscá-lo!

Abalámos. *Belisa* ia radiante,
Já sem fazer beicinho ou caramunha,
E mais radiante a vi, em breve instante,

Quando, ás portas do mal que me acabrunha,
Lhe dei, além do galo prometido,
Uma franguinha gorda, que já punha,

Lêda, qual negro melro esparecido,
Que debica, feliz, em manhã clara,
Da cerejeira o fruto enrubescido,

Assim aquela flor silvestre e rara
Partiu, levando as aves bem seguras,
Como se um saco de ouro em pó levara.

Vendo-a sumir-se, ao sol, vi-me ás escuras,
Sentindo bem, com dolorido aspeito,
Da velhice cruel as garras duras.

E então, disse p'ra dentro do meu peito:
— *Belisa, porque não me apareceste*
Quando eu era um rapaz são e escoreito!

Chegas tarde de mais, visão celeste:
Mostras-me um fruto que eu provar não posso,
Um facho ao pé dum tumulto acendeste!

Ah! se eu te houvesse conhecido em moço,
Ágil, cheio de fôrça e gentileza,
Belisa, com que férvido alvoroço,

Com que fome de amor e de beleza
Deporia a teus pés, fraco e rasteiro,
Com o meu coração, minha riqueza!

Alçando-me contigo áquele outeiro,
De lá te mostraria com o dedo
Os vastos bens de que eu ficara herdeiro:

Aqui, um souto; além, pardo olivedo;
À direita, o lagar; á esquerda, o moinho;
Tapadas de antiquissimo arvoredos;

Vinhas, para dez pipas de bom vinho;
Frescas pastagens, de novilhos cheias;
Matos cheios de tojo e rosmaninho.

Tudo isso, luz de amor que me incendias,
E muitas cousas mais, verde hortazinha,
Casa, adega, pombal, forno e colmeias;

Tudo isso, e mais o amor que me encaminha
Para teus pés, tudo te houvera dado,
Se a inclinação tivesses de ser minha!

Mas eu estou doído! Ruço e desdentado,
Como posso eu por ti ser atendido,
Que te causarei eu senão enfado?

Tendo por esta forma discorrido,
Assentei, com ingenua confiança,
Em Belisa expulsar do meu sentido;

Mas o Amor, por acinte ou por vingança,
Em vez de ma tirar do pensamento,
Dela escrava tornou minha lembrança.

Sonhando, não se passa um só momento
Em que a não veja, e a vê-la as noites passo,
Num mixto de doçura e de tormento.

Penso em fazer mil cousas, nada faço;
Sem rega, já no campo o milho pende,
Vê-se ao gado famélico o espinhaço.

Só Belisa me atrai, gentil duende;
Quero expulsá-la, em vão! Sou como o tonto,
Que a propria sombra afugentar pretende!

Da miseria, vê bem até que ponto
Desci, amigo! Vê como definho,
Como, para morrer, me sinto pronto!

Nesta aflição e neste desalinho,
Com fastio mortal, sentado á mesa,
Sabe-me a cinza o pão e a fel o vinho!

FRANCO

Emchem-me as tuas queixas de surpresa,
Não pelo caso em si, que é corriqueiro,
Muito proprio da humana natureza,

Mas porque, sendo tu sempre o primeiro
A apregoar prudencia, te cuidava
Livre das tentações do deus traiçoeiro.

Vejo emfim que do Amor a eburnea aljava
Não te poupou: a seta desferida
Varou teu coração com sanha brava.

Segundo contas, para ti a vida
É uma constante roda de navalhas
Que anavalham essa alma dolorida.

Já não dormes; nem comes nem trabalhas;
És um defunto em pé! Mas, Bicito amigo,
Improprias são dum velho essas batalhas!

Vamos a ver se excogitar consigo
Mézinha que te cure ou que amortença
Teu penar. Ouve bem o que te digo!

Dois remedios me passam p'la cabeça:
Ou casas já co'a moça apetitosa,
Ou a casas com outro, mas depressa!

Destas duas tisanas, mais gostosa
Acharás a primeira, certamente,
Feita de frescas pétalas de rosa...

Mas não a tomes, Bieito! Sê prudente!
O tálamo, onde, nova e insatisfeita,
A esposa se reclina airosamente,

Para o velho amador que lá se deita,
Breve, em tumba se volve! Eu, no teu caso,
Às Fúrias mandaria tal receita!

Depois, ainda que um bem longo praso
Tivesses, Bieito, para amar Belisa,
Acontecer podia por acaso,

(Que o acaso mil redes improvisa!)
Que ela, avistando, um dia, em alvoroço,
Um mancebo de pel' rosada e lisa,

Dissesse, achando o seu destino ensosso:
— Quando é que eu, viuva e herdeira dêste velho,
Poderei desposar um belo moço?

BIETO

Basta! As tuas palavras são o espelho
Em que acabo de ver-me retratado!
Não casarei, seguindo o teu conselho!

FRANCO

E fazes muito bem! Mas, se engeitado
Um dos remedios foi, sem mais demora,
Busquemos no outro o efeito desejado.

Tratemos de casar a tentadora
Belisa, que te pôs essa cabeça
No triste estado em que a estou vendo agora.

De a dotar lhe farás firme promessa,
E eu cá por mim, sem perda dum momento
Noivo lhe arranjarei, que a bem mereça.

Mas dota-a, que ela é pobre! De avaro,
Não tens, como outros ricos, o defeito:
Abre a bolsa, e está feito o casamento!

Que minguá te farão a ti, Bieito,
Que tens tanto, um lameiro e uma bezerra?
Dá-lhe uma cousa e a outra, e bom proveito

Colherás do teu rasgo! Em vez de guerra,
Sentirás n'alma a paz ambicionada,
A doce paz, que é o melhor bem da terra!

Quanto a Belisa, vendo-a enfim casada,
Tu, que és honesto, e escravo do dever,
Incapaz, nesta vida depravada,

De desejar do próximo a mulher,
Nela começarás a ver, amigo,
Não um fruto fatal, de entontecer,

Mas da tua velhice um casto abrigo,
Uma neta adoptiva, cuja graça,
Cercando-te risonha e sem perigo,

Adoçará a dor que te espedaça,
— A dor do solteirão que, sem ter filhos,
Seu fim vê perto e o fim da sua raça.

E os bisnetos virão, e novos brilhos
Alegrarão essa alma, encaminhando
Teus pés de velho por suaves trilhos.

BIETO

Muito e muito obrigado! Comparando
Com a minha doidice o teu bom-senso,
De vergonha, bem vês, estou córando.

A ninguém contes, caro amigo, o imenso
Dislate que ofuscou a minha mente...
Graças, graças a ti, eis que me venço!

Bem grotesco me achaste, certamente
A história ouvindo da paixão sediça,
Que me pôs cadavérico e demente.

Mas olha, Franco, faze-me a justiça
De crer que a minha insólita aventura
Ansia não foi de sensual cubiça,

Mas devancio, filho da amargura
Que sinto de ser velho e de me ver
Já tão perto da fria sepultura.

É bem amarga a dor de envelhecer,
De sentir lesão, ante a maçã vermelha,
O braço desejoso de a colher!

E o pior, quando a pel' se nos engelha,
Quando, cansada, a bôca já descora,
E desmaia dos olhos a scintilha,

É que as maçãs, que vemos nessa hora,
Parecem ter mais polpa, mais doçuras,
E mais aroma que as maçãs de outrora...

Mas, enfim, que as leis asperas e duras
Do Destino se cumpram! Nunca mais
Por ti, ó louco Amor, farei loucuras!

FRANCO

Assim seja! E que os deuses imortais,
Conservando-te o estômago e a cabeça,
Te acrescentem a vida e os cabedais!

Tudo arrumado está; mas não te esqueça
O dote de Belisa! E agora, Bieito,
Que a noite, cheia de astros, já começa,

Agora, que de novo satisfeito
Te mostras, pelo riso e pelas falas,
Ecos da paz que enfim volve a teu peito,

Agora, que de amar já te não ralas,
E voltaste a pisar o bom caminho,
Vamos ás trutas! Corro a cosinhá-las;
Corre tu a escolher na adega o vinho!



INDICE

	Pág.
Écloga I	9
Écloga II	27
Écloga III	33



ACABOU DE SE IMPRIMIR ESTE VOLUME,
AOS DOIS DO MÉS DE MAIO DE MIL
NOVECENTOS E VINTE NOVE,
NA IMPRENSA DA
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA.



LVMEN
EMPRESA INTERNACIONAL EDITORA

—
RUA DO MUNDO, 116, 1.º
LISBOA